

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS DO PIBID FRENTE A REALIDADE SOCIAL DOS ALUNOS

Taynara Gomes Alves, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, Brasil¹

Maria Vitória Feitosa Dantas, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, Brasil²

Valdelice Alves Pereira, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, Brasil³

Raiza do Nascimento Duarte, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, Brasil⁴

Débia Suênia da Silva Sousa, UFCG/CFP, Cajazeiras-PB, Brasil⁵

RESUMO

Este Artigo resulta de um estudo teórico-prático desenvolvido pelas discentes bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID) – Pedagogia 2024-2026, vinculadas ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras. O tema central deste artigo é “A Sala de Aula como Espaço de Resistência: Experiências do PIBID Frente à Realidade Social dos Alunos”. A atuação do grupo ocorre em uma escola pública do município de Cajazeiras-PB. Para construção do artigo, assume-se a abordagem qualitativa e caráter descriptivo-reflexivo das ações desenvolvidas na escola, no qual o diário de bordo é a principal fonte documental para análise do trabalho. Este contém os registros das observações cotidianas dos plantões pedagógicos nas turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e permitem a reflexão e compreensão da prática docente como processo contínuo de interação e aprendizagem. Teoricamente fundamenta-se nas obras de Paulo Freire (1921-1997), Lev Vygotsky (1896-1934) e Saviani (1943-1966). As experiências das bolsistas evidenciam que práticas pedagógicas orientadas por uma perspectiva sensível, inclusiva e transformadora contribuem para reconhecer o estudante como sujeito inserido em contextos sociais complexos, que influenciam diretamente sua aprendizagem. Observou-se que muitos alunos chegam à escola com sinais de cansaço, alimentação insuficiente e frequência irregular, fatores que dificultam a consolidação de uma rotina escolar estável. Além disso, a relação fragilizada entre escola e família configura um desafio constante para o acompanhamento pedagógico. Conclui-se, que a experiência no PIBID tem sido essencial para a formação crítica das futuras docentes, fortalecendo um olhar comprometido com a realidade social dos alunos e reafirmando a importância de práticas educativas que acolham, respeitem e valorizem a trajetória de cada criança no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Pibid, Sala de Aula, Vulnerabilidade Social, Resistência, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

¹ taynaragomesalves@gmail.com

² Ma.vi.dan.2003@gmail.com

³ pvaldelice026@gmail.com

⁴ nascimentoaraiza6@gmail.com

⁵ debita.suenia@professor.ufcg.edu.br



Inicialmente antes de termos uma experiência prática em sala de aula não nos passa pela cabeça todas as questões variáveis que permeiam a escola e a sala, a partir dessa experiência no PIBID fez se possível o nosso aprofundamento nesse contexto do cotidiano escolar, observando a forma em que a escola gerencia e em como a mesma lida com determinados assuntos, nota se que ter sensibilidade e empatia é essencial em turmas como a dos anos iniciais e educação infantil, tivemos experiências marcantes nesses últimos meses que nos fizeram pensar que a escola não é apenas um lugar de ensino mas de acolhimento, de cuidado, ter atenção ao aluno não só por suas notas mas observar como é vida dos mesmos fora da escola e em como isso influência nos resultados dentro da escola, pensar em educação também é pensar em fortalecer outras vias para que a mesma ocorra de uma forma benéfica e que possa estimular esses alunos fornecendo o básico, algo que muitas vezes eles não o tem em casa, como observamos a escola tem que buscar meios de garantir a permanência desses alunos nesse espaço, sendo assim assegurar os direitos básicos na escola também é demonstrar que esses direitos podem ser adquiridos fora da mesma.

A nossa pesquisa é justificada a partir de uma necessidade de compreender os vários fatores sociais que influenciam no processo de ensino-aprendizagem, como também na permanência dos mesmos na escola, consideramos como o aluno deve ser reconhecido enquanto sujeito, mas também em como os contextos sociais complexos impactam diretamente no seu rendimento escolar, observamos que muitos estudantes apresentam sinais de cansaço, a falta ou pouca alimentação e uma frequência irregular nas aulas, condições essas que comprometem o seguimento de uma rotina fixa na escola e dificulta o desenvolvimento pleno das atividades e do aluno.

Além desses fatores existe uma fragilidade entre família e escola, o que acaba se tornando um obstáculo no acompanhamento educacional dos mesmos, essa realidade acaba evidenciando a importância de ações integradas de modo que promovam condições que favoreçam não só a aprendizagem mas o bem estar, e a permanência dos alunos na escola, assim esse estudo busca contribuir para uma reflexão e aprimoramento das práticas escolares e de políticas voltadas aos direitos das crianças nesse ambiente, partindo do ponto de um relato de pibidianas que estão inseridas nesse contexto.

O objetivo deste trabalho é analisar as experiências vivenciadas no âmbito do PIBID em uma escola pública na cidade de Cajazeiras-PB, isso possibilitou refletir sobre como a prática docente pode se constituir em um espaço de resistência e transformação, diante da realidade social dos alunos, a partir das vivências registradas no diário de bordo, torna-se possível refletir sobre as ações pedagógicas realizadas durante os plantões.

Juntamente com as contribuições de Paulo Freire e Lev Vygotsky e Saviani busca-se compreender práticas educativas que sejam pautadas na escuta, na inclusão e na valorização dos estudantes, mediante a tudo isso temos que destacar a importância de repensar a relação família e escola, reconhecendo que ambas precisam estar de mão dadas para que exista uma eficiência e estabilidade, por fim as vivências nesse programa evidenciam como a formação docente é enriquecida com esse contato direto e prático na sala de aula, nos fazendo desenvolver uma postura crítica, reflexiva, comprometida com a educação e as práticas que transformam a mesma.

Dessa forma, compreender a sala de aula como um espaço de resistência implica em reconhecer que o ato de educar ultrapassa a transmissão de conteúdos, sendo um processo de construção e parceria coletiva que é marcado pela sensibilidade, a busca por enfrentamento dos desafios e de novas possibilidades. A partir das experiências proporcionadas pelo PIBID, vemos como a prática docente orientada por uma prática humanizadora é capaz de acolher as diferentes realidades sociais e transformar esse ambiente escolar em um lugar de aprendizagem, diálogo e parceria. Assim esse relato de experiência mostra a importância de formação docente mais humanizada mas principalmente, a necessidade de que a escola abrace



esses alunos e lhes ofereça aquilo que dentro de casa muitas vezes falta, algumas coisas são um direito enquanto ser humano mas que ainda por questões sociais fazem falta como, alimentação, lazer, escuta e aconselhamento, higiene, busca pelo bem estar dos alunos também é buscar por um aluno com mais chances de se concentrar e estudar.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se constrói a partir da vivência concreta e sensível das bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Pedagogia (2024–2026), vinculadas ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, caracterizado como um relato de experiência, tendo como material o diário de bordo das Bolsistas ID, as experiências aqui descritas foram vivenciadas na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antônio Tabosa Rodrigues (CAIC), instituição pública parceira do referido subprojeto, localizada no município de Cajazeiras-PB.

Optou-se por uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e reflexiva, por compreender que os fenômenos educacionais não se deixam traduzir apenas por números ou estatísticas, mas por vivências, afetos e contextos sociais que moldam cada experiência. A pesquisa foi construída de forma viva, acompanhando o cotidiano da escola filiada ao subprojeto na rede pública municipal de Cajazeiras-PB, que atende turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Foi nesse espaço, repleto de sons, movimentos, desafios e descobertas, que as pibidianas puderam observar e participar de momentos pedagógicos significativos, buscando compreender a escola como território de acolhimento, resistência e transformação, o trabalho foi desenvolvido especialmente em turmas do Pré 2, 1 e 2 ano.

O trabalho desenvolvido se deu a partir de observações diretas e participativas durante os plantões pedagógicos, bem como do diálogo constante com as professoras regentes e com os alunos. Cada dia na escola representava uma nova oportunidade de aprendizado não apenas sobre métodos de ensino, mas sobre a vida, as desigualdades e os múltiplos sentidos que a educação pode assumir. As realidades sociais encontradas no ambiente escolar evidenciaram o quanto o papel do educador ultrapassa a transmissão de conteúdos, exigindo sensibilidade para compreender o contexto em que cada criança está inserida.

Como principal instrumento de registro e análise, utilizamos o diário de bordo, no qual foram anotadas observações, reflexões e sentimentos vivenciados ao longo do processo. Esse recurso foi fundamental para dar voz às nossas percepções, permitindo revisitar os acontecimentos e transformá-los em reflexão crítica. Mais do que um simples registro de fatos, o diário se constituiu como um espaço de escuta e elaboração, um lugar onde as experiências encontram um sentido e se converteram em aprendizado.

O processo de análise ocorreu de forma interpretativa e sensível, inspirando-se nos princípios da análise de conteúdo, mas sem perder o caráter humano que caracteriza as vivências do PIBID. Buscou-se compreender os significados presentes nas ações pedagógicas e nas relações construídas dentro da escola, observando como a sala de aula pode se tornar um espaço de resistência frente às vulnerabilidades sociais. As reflexões foram embasadas nos pensamentos de Paulo Freire (1996) e Lev Vygotsky (1998) e Saviani autores que compreendem a educação como ato de diálogo, escuta e transformação. Freire (1996, p.39) ensina que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão, mediatisados pelo mundo”; e é justamente nesse sentido que as experiências do PIBID se revelam como um processo coletivo de troca, aprendizado e construção de consciência crítica.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, manteve-se um compromisso ético e respeitoso com todos os sujeitos envolvidos. As informações registradas foram tratadas de

forma anônima, sem exposição de nomes ou detalhes pessoais, garantindo o sigilo e a integridade dos participantes. Mais do que cumprir uma exigência formal, esse cuidado representa um gesto de empatia e responsabilidade, pois cada observação parte de histórias reais, de crianças que enfrentam cotidianamente desafios que muitas vezes extrapolam o espaço escolar.

As experiências vividas mostraram que compreender o contexto social dos alunos é um passo essencial para repensar práticas pedagógicas. Ao observarmos alunos que chegam à escola cansados, com fome ou desmotivados, percebemos que a educação precisa ser entendida de forma integral, considerando as dimensões emocionais e sociais que atravessam o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o trabalho metodológico se constrói também como exercício de sensibilidade, de presença e de compromisso com o outro.

Por meio dessa abordagem, foi possível reconhecer que a sala de aula é um lugar de múltiplas vozes e de realidades que pedem escuta, empatia e ação. Cada encontro, cada diálogo e cada gesto observado contribuíram para construir um olhar mais crítico e ao mesmo tempo mais afetuoso sobre o papel do professor. Assim, a metodologia deste estudo não é apenas um conjunto de procedimentos, mas um reflexo da própria essência do PIBID: formar educadores comprometidos com a transformação social, capazes de olhar para seus alunos com sensibilidade e esperança, e de enxergar na educação um ato de resistência e de amor.

O PIBID COMO PARTE ESSENCIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE E IDENTIFICAÇÃO PEDAGÓGICA

Seguindo os estudos desses autores, Paulo Freire (1996) e Lev Vygotsky (1998) e Saviani conseguimos ampliar os nossos pensamentos em relação ao tema. De acordo com Dermeval Saviani em Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações (2011, p.13), "O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens". Desta forma como vemos na citação de Saviani, a educação tem um papel de formar esses indivíduos enquanto humanos, críticos, que vão ser capazes de compreender e transformar suas realidades sociais utilizando esses conjuntos de saberes e práticas para mudar, pois como vemos somos seres coletivos e quando o coletivo cresce, logo a gente também.

Ao refletirmos sobre a sala de aula como espaço de resistência, é impossível não recorrer aos ensinamentos de Paulo Freire (1996), que nos faz compreender a educação como um ato profundamente humano e libertador. Para ele, "*A educação não transforma o mundo, a educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo*" (FREIRE, 1996, p. 67). Essa visão nos leva a perceber que cada relação construída dentro da escola carrega um potencial de transformação. Educar, portanto, não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que o aluno se reconheça como sujeito ativo da sua própria história.

Freire também afirma que "*Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão, mediatisados pelo mundo*" (FREIRE, 1987, p. 68). Essa ideia dialoga diretamente com o que vivenciamos no PIBID, onde cada experiência na escola se torna uma troca mútua de saberes e afetos. A prática docente passa a ser entendida como um processo de diálogo constante, em que aprendemos tanto quanto ensinamos. Assim, a sala de aula deixa de ser um espaço de hierarquia para se tornar um ambiente de escuta, acolhimento e construção coletiva, reafirmando o que Freire chama de pedagogia da esperança uma prática que acredita nas possibilidades e resiste às adversidades.

Essa forma de enxergar a educação também dialoga com o pensamento de Lev Vygotsky (1998), que acredita que o aprendizado acontece nas relações humanas, nas interações e nos vínculos que formamos. Para ele, o desenvolvimento da criança acontece primeiro no social, para depois se tornar algo individual. Quando Vygotsky afirma que

“aquilo que hoje está na zona de desenvolvimento proximal amanhã se tornará desenvolvimento real” (VYGOTSKY, 1998, p. 112), ele nos mostra que aprender é um processo de caminhada compartilhada e que o papel do professor é caminhar junto, oferecendo apoio, incentivo e confiança.

Nas nossas experiências dentro da escola, conseguimos ver isso de perto. Cada gesto de escuta, cada palavra de acolhimento e cada atividade pensada com carinho faz diferença. Entendemos, assim como Freire e Vygotsky, que ensinar é um ato de fé, fé no outro, na capacidade de crescer e aprender, mesmo diante das dificuldades. A sala de aula se torna, então, um espaço de encontro e resistência, onde o conhecimento ganha sentido e o afeto se transforma em ferramenta de aprendizagem.

Dessa forma, compreendemos que educar é um ato de presença e de esperança. É estar disponível para o outro, reconhecer suas limitações e potencialidades, e acreditar que por meio da convivência e do diálogo é possível transformar realidades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados das experiências vivenciadas pelas bolsistas do PIBID mostram que a sala de aula pode se tornar um espaço de mais resistência e acolhimento, onde os educadores e estudantes possam construir, diariamente, novas maneiras de enfrentar as desigualdades sociais e as limitações da realidade local. Ao entrar na escola e desenvolver atividades com os alunos, as pibidianas perceberam que os desafios vão além das questões pedagógicas, elas envolvem aspectos emocionais, sociais e econômicos que influenciam diretamente a aprendizagem. Dessa forma, a prática docente, se mostra um exercício contínuo de sensibilidade, escuta e presença.

Durante as atividades, foi possível notar que muitos alunos carregam experiências marcadas por vulnerabilidades, como a falta de acesso a recursos básicos, dificuldades de aprendizagem, especialmente na leitura e na escrita, além de acesso a matérias pedagógicas que favorecem seu desenvolvimento. Apesar disso, esses mesmos fatores, ao invés de apenas representarem obstáculos, se transformam em pontos de partida para a criação de práticas pedagógicas mais significativas. Por isso, a participação no PIBID possibilita que as bolsistas compreendam melhor a educação, reforçando o papel da escola como um dos poucos espaços capazes de acolher, orientar e oferecer novas possibilidades aos estudantes.

As intervenções pedagógicas realizadas pelas bolsistas priorizaram metodologias ativas e dinâmicas, com o objetivo de conectar o conteúdo escolar às experiências dos estudantes. Foram promovidas atividades lúdicas, rodas de conversa e momentos de leitura compartilhada, que incentivaram a participação e despertaram o senso crítico dos alunos. Essas práticas favoreceram o desenvolvimento da autonomia, criatividade e expressão oral, permitindo que os estudantes reconhecessem a importância da escola como um espaço de diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Em múltiplas ocasiões, as pibidianas puderam perceber que, mesmo diante das limitações estruturais das escolas públicas, é possível transformar a experiência de ensinar e aprender, pequenas alterações na maneira de planejar e conduzir as aulas, como a utilização de exemplos do cotidiano dos alunos, a prática da escuta ativa e o incentivo à colaboração, mostraram-se eficazes para fortalecer as relações e promover aprendizagens mais significativas. A cada vivência, tornava-se claro que a resistência não reside apenas em grandes gestos, mas também nas pequenas ações cotidianas que reafirmam o compromisso com uma educação inclusiva e humanizada.

Essas experiências também promoveram reflexões relevantes sobre a formação dos educadores. O contato direto com a realidade dos alunos despertou nas bolsistas uma percepção mais real e crítica acerca da função do professor. Elas compreenderam que educar

vai além da mera transmissão de conteúdos: é um ato político, ético e afetivo, que requer empatia e engajamento social. Nesse contexto, a presença do PIBID nas escolas se revela essencial para conectar teoria e prática, fortalecendo os aprendizados da universidade com a realidade social das escolas, algo que muitos discentes acabam não tendo um experiência desse nível e acabam chegando em uma sala de aula sem saber como lidar e administrar os prós e contras que existe dentro da sala de aula.

Outro ponto importante que foi observado ao longo do desenvolvimento das atividades foi o fortalecimento da conexão entre a universidade e a escola. A interação frequente entre educadores, supervisores, coordenadores e estudantes bolsistas permitiu a troca de conhecimentos e experiências, o que favoreceu a melhoria no ensino-aprendizagem. Por meio dessa relação, tornou-se evidente a relevância da atuação conjunta dos diversos agentes educacionais, reforçando que a formação de professores é um processo que deve ser coletivo e contínuo.

Além disso, as vivências do PIBID mostraram que a resistência dentro da sala de aula se manifesta na valorização da cultura, da identidade e da voz dos alunos. Foram desenvolvidas atividades olhando para o nível de aprendizagem de cada aluno, como também as suas dificuldades, inicialmente fizemos um relato sobre cada um deles para que ao final do projeto pudéssemos saber em quais aspectos os mesmos se desenvolveram e quais eram as suas áreas de conhecimento que precisavam de mais atenção, assim que essa avaliação pudemos pensar em propostas de atividades que desenvolvesse melhor não só a turma mas o aluno em si, focando em cada aspecto, como escrita, leitura, fala, escuta, coordenação.

Diante do exposto segue um depoimento de cada uma das pibidianos sobre a experiência vivenciada nesses últimos meses no PIBID e como a realidade social dos alunos fez com que as mesmas buscassem novas alternativas, segue os relatos de momentos em sala:

“Ao entrar em uma sala do pré 2 tive contato com alunos mais novos, que ainda estão no início de seu desenvolvimento, mas pude notar que apesar da eficiência da professora existem muitas variantes que atrapalham o desenvolvimento pleno dos mesmos, alunos que vão para a escola sem se alimentar, que faltam regularmente e se atrasam nos conteúdos, alguns que são agressivos, muitas vezes reflexo do que vivem em casa como pude notar, carentes que precisam de atenção não só por causa da idade mas que precisam se expressar e ser ouvidos, lidar com eles me fez despertar um cuidado e uma sensibilidade maior, se eu vejo um machucado busco saber o que houve, se o aluno não participa das atividades busco entender o que houve, se briga em sala tento entender o motivo, ter esse olhar de que um ato, tem por trás dele outras camadas além da ação em si e ver o que as motiva, por isso busquei desenvolver atividades lúdicas mas que também buscassem fazer os mesmos se expressarem e falarem o que muitas vezes palavras não dizem.”



Imagens de atividades desenvolvidas registradas no (Diário de Bordo, 25/03/2025 e 02/09/2025)

“Dei início ao programa de iniciação à docência diretamente na turma do 2º ano A. Desde então pude observar algumas dificuldades diante das atividades desenvolvidas em sala



com eles. Pude observar que grande parte enfrentava dificuldades na leitura, na escrita, até na escrita do seu próprio nome, na troca de sílabas e no conhecimento de algumas palavras. Mas agora, depois de um certo tempo, venho notando um grande avanço em alguns, onde muitos despertaram mais interesse em aprender. Vejo também que, às vezes, é pelo simples fato de mudança, algo novo para eles, e isso faz despertar mais a vontade de aprender, pois é algo fora da rotina deles. Alguns até já conseguem ler frases e palavras. Isso nos faz perceber o quanto o PIBID é essencial e contribui significativamente para o desenvolvimento.”



Imagens de atividades desenvolvidas registradas no (Diário de Bordo, 05/06/2025).



“Iniciei minhas atividades no PBID na turma do 2º ano A, uma sala bastante numerosa e com muitas demandas. Desde o início, percebi as dificuldades da professora para conduzir o ensino, principalmente pelas realidades complexas das crianças, incluindo situações familiares delicadas e alunos com transtornos que exigiam atenção específica. Essa vivência me fez refletir sobre como a prática docente é desafiadora e exige sensibilidade, preparação e adaptações constantes. Ao mesmo tempo, tornou-se evidente o quanto essa experiência no PIBID tem contribuído para minha aprendizagem e crescimento pessoal, ampliando minha compreensão sobre a educação e fortalecendo minha formação como futura professora”.

Imagens de atividades desenvolvidas registradas no (Diário de Bordo, 28/08/2025, 28/09/2025 e 21/10/2025).



“Desde que entrei no PIBID e passei a acompanhar a turma do Pré-II, pude perceber o quanto fatores fora da escola influenciam diretamente a aprendizagem das crianças. Muitas delas, ainda tão pequenas, já carregavam dificuldades que iam muito além do conteúdo: vinham de famílias sem estrutura, com pouco acompanhamento em casa e vivendo situações que afetavam seu desenvolvimento. Mesmo com uma professora extremamente acolhedora, paciente e preparada, nem sempre as aulas chegavam a todos da forma necessária, porque cada criança tinha sua própria realidade. Um caso em especial me marcou: uma criança que não conseguia parar, não realizava as atividades e apresentava atitudes de desrespeito com a professora e a gestão. No início, parecia apenas indisciplina, mas aos poucos ficou claro que era reflexo do ambiente difícil em que vivia. Observar isso tudo me fez refletir muito sobre o papel do professor. Percebi que ser educador vai muito além de ensinar conteúdos; é olhar a criança como um todo, compreender suas necessidades e entender que cada uma aprende de um jeito e em um tempo diferente. Essa experiência me mostrou, de forma muito humana, que ensinar também é acolher, escutar e ser presença, especialmente para aquelas crianças que mais precisam de apoio.”

Dessa forma, os resultados alcançados através das práticas do PIBID evidenciam que a sala de aula é realmente um espaço de mudança e tentativa, não podemos apenas pensar que tudo é perfeito pois não é, temos que encontrar as falhas e buscar melhorá-las, um professor não transforma uma escola, mas é capaz de ajudar no desenvolvimento de seus alunos. As iniciativas realizadas pelos bolsistas mostram como é importante a formação de professores que estejam comprometidos com a realidade social dos estudantes e conscientes do papel da educação em suas vidas. Ao valorizar a escuta, o diálogo e o respeito às diferenças, a escola se solidifica como um lugar onde é possível aprender, ensinar e resistir diariamente às injustiças que impactam a vida de muitos alunos. Assim, o PIBID desempenha seu papel de formação e função social, preparando futuros educadores capazes de tornar a sala de aula um ambiente de luta, afeto e emancipação.

As experiências analisadas reforçam que o processo formativo proporcionado pelo PIBID ultrapassa o campo da prática pedagógica, constituindo-se como um espaço de aprendizagem mútua e de crescimento humano. A aproximação entre teoria e prática, a troca entre universidade e escola e o contato direto com a realidade educacional fortalecem a identidade docente das bolsistas, que passam a compreender o ensino como um instrumento de transformação social. Desse modo, os resultados e discussões aqui apresentados evidenciam que o programa contribui não apenas para a formação profissional das futuras professoras, mas também para a construção de uma educação mais justa, inclusiva e comprometida com a emancipação dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências vêm representando muito mais que uma observação e prática; elas têm se mostrado como uma verdadeira imersão na realidade escolar e um exercício constante de sensibilidade, empatia e aprendizado. Estar no ambiente da escola através do PIBID tem nos permitido compreender, de forma concreta, que a docência ultrapassa o simples ato de ensinar conteúdos. Ser professora é escutar, acolher, compreender e transformar, é resistir todos os dias em meio às dificuldades que cercam o contexto educacional.

Cada momento vivido nas salas de aula revelou que o papel do educador é, antes de tudo, humano. É o professor quem muitas vezes se torna o ponto de apoio, o incentivo e a presença que o aluno precisa para acreditar em si mesmo. A convivência com os estudantes nos mostrou o quanto a escola é um espaço de vida, de trocas e de esperança, onde cada gesto de cuidado e atenção tem um impacto real na trajetória de cada criança.





A partir das reflexões inspiradas em Paulo Freire, Lev Vygotsky e Saviani compreendemos que o ensino é um processo coletivo e afetivo. Freire nos ensina que educar é um ato de amor e de coragem, enquanto Vygotsky nos lembra que o aprendizado acontece nas relações e nas interações humanas. Essas ideias se materializam nas experiências do PIBID, que nos convidam a olhar para a educação como um campo de resistência, diálogo e transformação.

Dessa forma, concluímos que a sala de aula é, de fato, um espaço de resistência e esperança. É ali que enfrentamos as desigualdades com gestos simples, mas potentes, e reafirmamos o compromisso com uma educação mais justa, inclusiva e humanizadora. O PIBID tem sido essencial nesse percurso formativo, fortalecendo não apenas o olhar crítico e reflexivo das futuras docentes, mas também a certeza de que é possível ensinar com sensibilidade, aprender com o outro e fazer da educação um caminho de libertação.

Ser educador, diante de tudo o que vivemos, é acreditar que mesmo em meio aos desafios é possível florescer e fazer florescer por meio da escuta, do acolhimento e do amor à profissão.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVIANI, Dermerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2002.